



O Cinema e a experiência do mundo

Por Augusto M. Seabra

22 de Fevereiro – O desastre do sensível e modos de conhecimento

A circulação incessante das imagens, exigindo um “hiper-realismo” para se distinguirem no fluxo, suscitou um paradoxo: potencialmente tudo pode estar à vista, mas a sensibilidade aos modos de visibilidade cinematográfica foi radicalmente depreciada. E, no entanto, a própria questão política da centralização dos fluxos de informação e formatação tanto mais solicita uma outra hipótese: uma geopolítica da percepção cinematográfica e a possibilidade de reconsiderar o cinema como experiência do mundo e como forma de conhecimento.

Augusto M. Seabra – Sociólogo, crítico de cinema e música, de cultura e comunicação. Membro do júri de vários festivais internacionais de cinema. Apresentou pela primeira vez em Portugal autores como Takeshi Kitano, Wong Kar-Wai, Edward Yang, Alexander Sokurov, Annaud Despelechin, Todd Haynes, Hal Hartley, etc. Na Culturgest, comissariou a programação de cinema dos Festivais “Extremos do Mundo”, “Europa” e “Comunidade”. No DocLisboa 2005 foi comissário do programa “Histórias da Europa: nacionalismos, identidades e fronteiras”.

QUARTAS-FEIRAS 1, 8 E 22; TERÇA-FEIRA 14 DE FEVEREIRO DE 2006 · 18H30 · PEQUENO AUDITÓRIO E SALA 2